

## *Educação a Distância: uma Nova (e Única?) Oportunidade para Obter um Diploma*

### *Distance Education: a New (and Unique?) Opportunity to Get a Diploma*

ISSN 2177-8310  
DOI: 10.18264/eadf.v10i2.1067

**Everton Garcia da Costa \***

\* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense (IFSul).

\* [eve.garcia.costa@gmail.com](mailto:eve.garcia.costa@gmail.com)

#### Resumo

No decorrer dos últimos anos, a Educação a Distância (EAD) vem apresentando um crescimento acelerado no âmbito do ensino superior brasileiro. Hoje, essa modalidade de ensino já representa quase 25% das matrículas de graduação do país, o que mostra a sua consolidação. Diante dessa expansão acelerada da EAD, este artigo tem como objetivo central investigar os estudantes que optaram pela EAD como caminho para acesso ao diploma do ensino superior. No total, foram entrevistados 58 estudantes de graduação a distância, matriculados em final de curso, em 7 instituições de ensino superior (IES) do Rio Grande do Sul. O roteiro de entrevistas foi construído em torno de quatro eixos de investigação: 1) perfil dos estudantes; 2) motivação; 3) percepção e adaptação; 4) estratégias de permanência. O artigo conclui que, para muitos estudantes, a EAD é muito mais do que apenas uma nova oportunidade para obtenção do diploma: ela é o único caminho possível.

**Palavras-chave:** Educação a distância. Ensino superior. Estudantes de graduação.



Recebido 08/07/2020  
Aceito 01/10/2020  
Publicado 06/10/2020

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO

**ABNT:** COSTA, E. G. da. Educação a Distância: uma Nova (e Única?) Oportunidade para Obter um Diploma. *EaD em Foco*, v. 10, n. 2, e1067, 2020.  
<https://doi.org/10.18264/eadf.v10i2.1067>

## *Distance Education: a New (and Unique?) Opportunity to Get a Diploma*

### *Abstract*

*Over the past few years, Distance Education (EAD) has shown an accelerated growth in Brazilian higher education. Today, this type of education already represents almost 25% of undergraduate enrollments in Brazil, which shows its consolidation. In view of this accelerated expansion of distance learning, this article has the central objective of investigating students who have opted for distance education as a way to access higher education diploma. In total, interviews were carried out with 58 distance undergraduate students, enrolled at the end of the course, at 7 higher education institutions (HEIs) in Rio Grande do Sul. The interview script was built around four lines of investigation: 1) student profile; 2) motivation; 3) perception and adaptation; 4) permanence strategies. The article concludes that, for many students, Distance Education is much more than just a new opportunity to obtain a diploma: it is the only possible path.*

**Keywords:** *Distance education. Higher education. Undergraduate student.*

*A universidade é que se adaptou a mim, não eu que me adaptei a ela.*  
Entrevistada

## 1. Introdução

Nas últimas décadas, o ensino superior ingressou no rol dos temas que são considerados prioritários e estratégicos para o futuro dos Estados-nação (NEVES, 2004). A intensificação dos processos globalizatórios e o alvorecer do século XXI trouxeram inúmeros desafios para os sistemas nacionais de ensino, em especial no que tange à educação terciária. Dentre esses desafios, sem dúvida, se destaca o crescimento exponencial e acelerado da demanda pelo acesso, bem como e conseqüentemente, a necessidade de tornar o espaço da universidade mais democrático e universal, através da inclusão de grupos sociais historicamente subrepresentados no ensino superior.

No contexto de suas limitações financeiras e de sua realidade histórica, política e social, os sistemas nacionais de ensino têm gerado as mais diversas respostas a esses desafios (ALTBACH; REISBERG; WIT, 2017). Uma das estratégias adotadas tem sido a promoção à Educação a Distância (EAD). As estatísticas internacionais revelam que em muitas regiões, a EAD vem apresentando uma expansão muito acelerada. Na China, por exemplo, a educação superior a distância teve início no final da década de 1970. Em 1996, ela já era responsável por 1,4 milhão de matrículas de nível superior (UNESCO, 2001). Em 2015, esse número aumentou expressivamente para 9,8 milhões, o equivalente a 24% do total de inscrições nesse nível de ensino (XU, 2016). Na Índia, por sua vez, o número de estudantes inscritos em cursos superiores de EAD saltou de 65 mil (2% do total) em 1976, para 4 milhões (11%) em 2017 (AGARWAL, 2017).

No caso específico do Brasil, o crescimento da EAD teve início a partir de meados dos anos 2000, mais precisamente, desde 2005, com a publicação do Decreto nº 5.622, que regularizou a oferta de cursos de graduação a distância em todo o país. De lá para cá, a EAD vem apresentando uma escalada vertiginosa. As estatísticas anuais divulgadas pelo Ministério da Educação (MEC) revelam que em 2003 havia apenas 49,9 mil alunos matriculados em cursos de graduação a distância em todo o país; hoje, eles já são mais de 2 milhões, o equivalente a 24,3% do total de matrículas de graduação (BRASIL, 2018).

Diante do crescimento recente e acelerado da EAD no Brasil, este artigo teve por objetivo analisar a realidade dos estudantes que optaram por essa modalidade de ensino como caminho de acesso ao diploma de educação superior.

## 2. Metodologia

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. Optamos pela elaboração de entrevistas em virtude do fato de esta técnica constituir um recurso privilegiado para a coleta de informações desde a perspectiva dos atores sociais. Como salientam Meruane e Castro (2009, p. 374), as entrevistas visam “captar o que é importante na mente dos informantes: seus significados, perspectivas, e definições; em suma, o modo como eles veem, classificam e experimentam o mundo”.

No total, foram entrevistados 58 alunos(as) matriculados em instituições de ensino superior (IES) públicas e privadas, localizadas no Rio Grande do Sul. Convidamos para participar da pesquisa apenas estudantes em final de curso, isto é, matriculados no penúltimo ou no último semestre de curso, ou então, recém-concluintes. Tal critério de inclusão foi adotado para que fossem investigados somente aqueles estudantes que, de fato, passaram por todo – ou quase todo – o processo de graduação a distância.

É necessário frisar, que encontramos uma série de dificuldades para a realização das entrevistas. A primeira delas diz respeito ao próprio critério de inclusão dos participantes. Como optamos por entrevistar apenas alunos(as) em final de graduação ou recém-concluintes, reduzimos muito o universo da população. A segunda dificuldade, por sua vez, se refere ao acesso aos estudantes. Nosso objetivo inicial era realizar a coleta de dados através da internet, para que pudéssemos ter acesso a um número maior de participantes. Desse modo, elaboramos um questionário eletrônico através da plataforma *Google Docs*, encaminhamos o *link* de acesso para a coordenação de diversos polos de apoio presencial de IES públicas e privadas, e solicitamos que esse *link* fosse repassado aos alunos. Da mesma forma, também compartilhamos o *link* em grupos de graduação a distância presentes na rede social *Facebook*. Todavia, o retorno foi extremamente baixo, de modo que mudamos a estratégia e, em vez de um questionário, decidimos realizar entrevistas semiestruturadas *in loco* em alguns polos de apoio presencial de IES localizadas no Rio Grande do Sul.

Mesmo como essas dificuldades, conseguimos entrevistar um total de 58 alunos de graduação a distância, matriculados em 7 IES localizadas no Rio Grande do Sul. Desse total, 11 são de duas universidades públicas e 47 de IES privadas, como mostra o Quadro 1:

**Quadro 1:** Síntese das entrevistas

Tipo de IES	Universidade/Polo	Nº de participantes e seus respectivos cursos
Privada lucrativa	Ananguera Pelotas	15 participantes: todos do curso de Pedagogia
	Ananguera Rio Grande	8 participantes: todos do curso de Serviço Social
	Ananguera Caxias	1 participante do curso de Ciências Contábeis
	Unopar Pelotas	9 participantes: 6 do curso de Administração 2 de Serviço Social, 1 de Tecnologia em Segurança do Trabalho
Privada sem fins lucrativos	ULBRA Pelotas	14 participantes: 3 do curso de Administração, 3 de Pedagogia, 2 de Tecnologia em Negócios Imobiliários, 1 de Teologia, 1 de Processos Gerenciais, 1 de Ciências Sociais, 1 de História, 1 de Gestão Ambiental, 1 de Serviço Social
Pública	FURG (polo de São Lourenço do Sul)	10 participantes: 7 do curso de Pedagogia, 3 de Ciências
	UFSM	1 participante do curso de Administração
<b>Total de entrevistados: 58</b>		

O roteiro de entrevistas semiestruturado foi construído em torno de quatro eixos de investigação: 1) perfil dos estudantes; 2) motivação (para ingresso no ensino superior e na escolha pela EAD); 3) percepção e adaptação; 4) estratégias de permanência. Ressaltamos que os dados aqui apresentados fazem parte de uma pesquisa mais ampla de doutorado, concluída no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

### 3. Resultados e discussão

#### 3.1 Perfil dos entrevistados

Quanto à distribuição por gênero, do total de entrevistados, 40 (69%) são mulheres, e 18 (31%) homens. É importante frisar, que no Brasil, as mulheres são maioria na educação superior, representando cerca de 55% das matrículas de graduação. Na EAD, essa realidade não é diferente: dados da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED, 2016) apontam que as mulheres ocupam mais de 60% das vagas nas instituições públicas e 55% nas privadas.

No que diz respeito à cor da pele, 47 entrevistados (81%) se declararam como brancos, 10 (17%) como pretos ou pardos, e 1 (2%) como amarelo (de origem oriental). Quanto ao estado civil, 25 (43%) eram solteiros, 24 (41%) casados, 8 (14%) divorciados e apenas 1 (2%) viúvo; 33 (56%) afirmaram ter filhos.

Em relação à idade, os entrevistados tinham, em média, 37 anos (tendo a participante mais velha 61 anos e a mais nova 21). Essa média está muito próxima ao número encontrado no censo da ABED (2016), o qual aponta que a maior parte dos estudantes de EAD no país (37%) tem idade entre 31-40 anos. Quanto à variável trabalho, do total de entrevistados, 44 (76%) trabalhavam, ao passo que 10 (17%) não estavam empregados, e 4 (8%) eram aposentados. Dentre os que estavam empregados, a média de horas semanais de trabalho encontrada foi 42h. Já renda mensal média foi R\$ 2.336,85. Mais uma vez, os dados encontrados ficaram próximos aos disponibilizados no censo da ABED (2016), os quais apontam que mais de 75% dos estudantes de EAD no Brasil trabalham e estudam ao mesmo tempo.

No que concerne à conclusão do ensino médio, 48 entrevistados (81%) concluíram em escola pública, 4 (7%) em escola privada, e 6 (11%) através do ENEM ou de exame supletivo. Quanto à experiência prévia na educação superior (antes do ingresso no curso), 35 (59%) participantes alegaram estar na universidade pela primeira vez; 10 (17%) já eram graduados; e 13 (22%) já haviam iniciado uma graduação, mas acabaram não concluindo. Em média, eles ficaram afastados dos estudos 12,2 anos antes de ingressar no curso, sendo que a participante com maior tempo de afastamento ficou longe dos estudos por 45 anos.

A análise do perfil dos participantes, por si só, já aponta alguns indicativos do porquê de terem optado pela EAD. Como mostram as informações descritas acima, em média, os entrevistados ficaram afastados dos estudos por mais de uma década. Tiveram de retomar as atividades acadêmicas em um momento da vida em já que se encontravam inseridos no mercado de trabalho, com jornada integral. Além disso, metade deles já eram pais.

#### 3.2 Percepção e adaptação

O eixo investigativo *percepção e adaptação* foi escolhido no sentido de identificar a percepção dos estudantes acerca das dificuldades/facilidades por eles encontradas no seu processo de adaptação à EAD e à universidade. Essa variável de investigação foi selecionada, sobretudo, porque a EAD é uma modalidade de ensino relativamente nova<sup>2</sup>, baseada na comunicação não presencial mediada pelas tecnologias de comunicação *on-line*. Com efeito, considerou-se pertinente investigar as dificuldades e as facilidades que

os estudantes encontraram para se adaptar à metodologia de ensino e aprendizagem da EAD, bem como ao manuseio das ferramentas informacionais, como os ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs). Como destacam Lima, Sá e Pinto (2014, p. 2734), não raramente, os estudantes de EAD encontram “dificuldades de ordem tecnológica no uso da plataforma de ensino, assim como na adaptação ao ritmo particular que caracteriza a modalidade (prazos das entregas das atividades propostas, formas de participação, recursos do AVA, etc.).”

As respostas dos participantes podem ser agrupadas em três grupos: 1) não encontrou muitas dificuldades na adaptação (64%); 2) teve dificuldades no início do curso, mas logo conseguiu se adaptar (27%); 3) teve muitas dificuldades de adaptação (9%).

Dentre os entrevistados que alegaram ter se deparado com dificuldades apenas no princípio do curso, as respostas salientam dificuldade, principalmente, no que se refere ao acesso à internet e ao AVA. É importante frisar que a literatura da área aponta que a dificuldade em lidar com as tecnologias informacionais da era digital é um dos principais obstáculos de adaptação encontrados pelos estudantes de EAD. Ramos e Cortez (2013), por exemplo, destacam que a EAD demanda uma alfabetização tecnológica que pode se tornar um obstáculo insuperável para alguns alunos. Muitos deles têm sérias dificuldades em manejar editores de textos, planilhas de cálculos, instalar *softwares*, dentre outras ações exigidas.

Dentre os participantes que alegaram ter encontrado dificuldade no manuseio da internet e no acesso ao AVA, merecem ser destacados os relatos a seguir.

[...] pra mim tava sendo tudo muito novo, né. Ter acesso à internet, a buscar tudo pela internet, buscar outros tipos de material de apoio. É diferente do presencial, porque no presencial tu tens aquela matéria diária, e aquele acompanhamento diário com o professor. Entrevistada 3

No começo sim. Foi bem complicado no começo, mas depois me adaptei bem fácil, foi bem legal. Teve a questão da internet, pra poder assistir às aulas, que é complicado, mas a gente dá um jeito. Entrevistada 10

No início sim, com relação a notebook, à internet. Porque eu nunca tive acessibilidade antes. Eu comecei a usar notebook, a mandar email, ouvir as teleaulas, aquelas coisas todas, depois que eu entrei aqui. Mas era bem difícil. Ainda continuo encontrando dificuldade, mas vai. Entrevistada 11

No princípio sim, porque não tem a aula presencial todos os dias. E até me adaptar a uma rotina de estudo via internet foi um pouquinho complicado. Mas depois, também, foi tranquilo. Entrevistado 39

Dentre os entrevistados que alegaram ter encontrado muitas dificuldades em se adaptar à EAD, os relatos salientam problemas institucionais existentes no momento da comunicação com professores e tutores, especialmente em relação à demora em obter respostas para as perguntas feitas no AVA.

Falta de apoio de professores. Porque como o tutor é a distância, é difícil tirar dúvidas. Aprezem as dúvidas e tu não tem com quem tirar. Até tu chegar na outra semana [no encontro presencial] pra tirar tua dúvida, às vezes tu não consegue, até mesmo pra uma avaliação. A dúvida é bom tu tirar na hora que ela surge, isso acontece quando tu tem um curso presencial. Entrevistada 14

[...] a gente não tem uma assistência dos professores. Se a gente quer alguma coisa, tem alguma dúvida, tem que correr atrás, porque é bem difícil o contato. Tem a tutora da sala, mas é bem difícil ela dar conta de todos os alunos [cerca de 50]. É só ela pra toda turma. Entrevistada 15

Na verdade, no que eu encontrei dificuldade foi o acesso com os tutores. É fácil de tu fazer o acesso no AVA. Tu abre ali e faz o acesso com facilidade. Só que pra conversar com eles tu tem que deixar o recado lá e [o retorno] às vezes não vem tão rápido como a gente espera. Às vezes demora. Entrevistada 16

Em relação à adaptação à universidade, a grande maioria dos entrevistados (84%) alegou não ter encontrado nenhuma grande dificuldade adaptativa. Alguns deles, inclusive, exaltaram as facilidades encontradas, como mostram os relatos abaixo.

A universidade é que se adaptou a mim, não eu que me adaptei a ela. Ela tem esse programa [a EAD] pra me ajudar. Eu conversei com o coordenador. Eu não tenho como vir todos os dias, eu moro a 60km daqui, moro pra fora, na colônia. Entrevistada 11

[...] foi super tranquilo, porque tu faz o teu horário, basicamente. Claro que tu precisa ter um horário. Eu não achei nada difícil, algumas coisas mais trabalhosas, quando tu precisa pesquisar mais, alguma coisa que não faz parte do teu cotidiano. Mas no mais, tudo tranquilo. Entrevistada 20

Pra mim sempre foi bem tranquilo, organização, aula. As aulas sempre foram num horário que podia participar, então não tive dificuldade quanto a isso. Entrevistada 22

Aqui, cabem ser destacados alguns aspectos importantes. Primeiro, o fato de que os participantes que alegaram ter encontrado dificuldades de adaptação à EAD, na sua grande maioria, são pessoas de mais idade, acima dos 28 anos, sem experiência prévia na educação superior, e que ficaram afastadas dos estudos por um longo período. Muito provavelmente, decorre daí a sua dificuldade de adaptação inicial. Outro ponto importante é que os entrevistados têm a ciência de que a EAD é uma modalidade de ensino mais flexível, não apenas no que tange ao horário. O relato da Entrevistada 11 é o exemplo claro dessa consciência: “A universidade é que se adaptou a mim, não eu que me adaptei a ela.”

### 3.3 Motivação

Na sequência, procurou-se identificar os fatores motivacionais que levaram os entrevistados a decidirem ingressar no ensino superior, bem como a optar pela EAD, ao invés do ensino presencial.

No que diz respeito à motivação para o ingresso no ensino superior, os relatos podem ser categorizados em quatro grupos principais: 1) busca por emprego, cargo ou salário melhor (41%); 2) busca pelo conhecimento ou pelo diploma de nível superior (24%); 3) influência familiar (9%); 4) busca por especialização (9%). As respostas revelam que os entrevistados claramente têm ciência de que, no mundo atual, o sucesso profissional está diretamente atrelado ao grau de escolaridade, como mostram os relatos a seguir.

Renda. Na profissão que eu exerço, é o único [meio] que pode me oferecer um aumento de renda. Entrevistado 9

Financeiro. Quando eu me formar eu vou ter um acréscimo bem significativo. Entrevistado 13

Porque eu precisava. Porque eu precisava ter o diploma. Só o técnico não me adiantava pra profissão. Pra evoluir na profissão. Entrevistado 16

Eu penso assim: a base pra tu conseguir um emprego melhor é tu ter estudo. Então, a minha preocupação é ter um curso superior. [...] E outra parte que também me motivou é ter mais acesso a concurso público. [...] Se tu for fazer um concurso de segundo grau, tu vai ter muito mais concorrentes do que no nível de terceiro grau. Eu penso por essa parte. Entrevistado 29

Querer ter uma profissão, por ter trabalhado com uma assistente social e ter gostado da profissão. E também por querer ganhar mais. Acho que hoje em dia é o que mais motiva as pessoas a quererem entrar numa universidade. Entrevistada 43

É preciso destacar, nesse sentido, que no âmbito de uma economia global centrada sobre o conhecimento, a qualificação profissional tornou-se um imperativo a todos os que procuram inserir-se no mercado de trabalho ou que buscam cargos mais prestigiados e com melhores remunerações. Consequentemente, o trabalhador do modelo industrial, responsável pela realização de um número limitado de tarefas repetitivas e braçais, acabou perdendo espaço no mercado de trabalho para o trabalhador pós-industrial, isto é, aquele capaz realizar uma ampla variedade de tarefas intelectualmente complexas (MEIRA; RODRIGUES, 2010). Sobre isso, o relatório *Education at a glance 2017*, publicado pela OCDE, revela que a tendência global é que indivíduos com escolaridade mais baixa estarão cada vez mais sujeitos ao desemprego, e também aos menores salários:

A expansão nas oportunidades de educação tem aumentado o número de pessoas qualificadas em todos os países, e os indivíduos com alta qualificação têm maior probabilidade de serem empregados. Por outro lado, embora existam ainda oportunidades de emprego para pessoas com qualificação mais baixa, suas perspectivas para o mercado de trabalho são desafiadoras. As pessoas com qualificações profissionais mais baixas têm maior risco de ficarem desempregadas e seus salários são menores. Essas desigualdades nos resultados do mercado de trabalho podem exacerbar as desigualdades sociais (OCDE, 2017, p. 89).

A grande maioria dos estudantes entrevistados nesta pesquisa claramente tem consciência dessa realidade, ou seja, eles sabem que o caminho para um cargo ou emprego mais prestigiado, bem como para uma maior remuneração e melhores condições profissionais, inevitavelmente, passa pela obtenção do diploma de conclusão do ensino superior.

Já no que tange à motivação na escolha pela EAD, as respostas podem ser agrupadas em três categorias principais: 1) flexibilidade de horários (45% dos relatos); 2) facilidade de acesso aos estudos (30%); 3) impossibilidade de assistir às aulas de um curso presencial (14%).

A flexibilidade de horários possibilitada pela EAD também é apontada como um dos principais fatores motivacionais em outros estudos (SANTOS; CARDOSO; BORGES, 2014). No caso desta pesquisa, os relatos dos entrevistados salientam a dificuldade em conciliar os estudos com outras atividades cotidianas, como o trabalho, os afazeres domésticos, o cuidado com os filhos, e enaltecem a flexibilidade oportunizada pela EAD.

Pelo tempo que eu tenho pra estudar e o tempo pra trabalhar também. Fica muito apertado trabalhar e estudar, então o mais fácil, o mais prático pra mim seria a EAD, né. Entrevistada 1

Porque com essa vida com filho pequeno, quando eu entrei eu tinha uma bebezinha, ela era bebê, recém tinha nascido, então teria que ser [aula]

uma vez na semana, senão eu não ia conseguir conciliar. Entrevistada 2

Pra mim é complicado por causa dos meus filhos. Eu não tenho com quem deixar, então eu optei pela EAD, porque pra mim é mais fácil. Eu não tenho com quem deixar eles, né? Aí, pelo menos uma vez por semana meu marido fica com eles, de noite, e minha mãe também me ajuda. Não teria como vir todos os dias. Entrevistada 10

Acessibilidade. Ela [a EAD] me dá acessibilidade pra trabalhar, estudar e cuidar do meu filho. Eu faço uma vez por semana [ir ao polo], então eu trabalho durante a semana, tenho como ajudá-lo e tenho como vir estudar. No presencial não, porque eu moro pra fora, dá 60km daqui e eu não tenho como vir, só nas quartas-feiras, no caso. Entrevistada 11

A disponibilidade de horário. É essa facilidade de tu escolher o horário que tu vai estudar. Senão, não teria como, porque eu cuido de duas empresas. Então, quando eu não tô numa em outra, quando eu não fazendo uma coisa, eu tô fazendo outra. Então, eu tô sempre trabalhando. O único meio foi esse. Entrevistada 19

O tempo. Como eu precisava trabalhar, eu tinha recém casado, então foi a opção mais prática e barata que eu achei pra concluir uma graduação. Entrevistada 22

Porque é mais fácil. Mas fácil não na questão do estudo; mais fácil porque tu faz o teu horário. Porque aí tu vai estudar nas horas que tu tem livre, não exatamente das 18h às 22h, todos os dias. Se hoje eu não posso, naquele horário, eu vou estudar mais tarde, no fim de semana. Entrevistada 23

Um fato que chama atenção de imediato é que apenas mulheres mencionaram a necessidade de tempo para cuidar dos filhos, como se esta demanda competisse somente a elas, e não aos homens. Aqui, é possível realizar uma importante discussão sobre gênero, que foge aos objetivos do artigo, mas que pode ser realizada em outro momento.

Por fim, merecem destaque os relatos dos entrevistados, os quais alegam que a escolha pela EAD seu deu em virtude da impossibilidade de frequentar as aulas de uma graduação presencial.

Presencial não teria como. Na minha cidade não tem. Eu teria que cursar na cidade vizinha, teria que ir todos os dias e eu não teria essa disponibilidade de tempo pra ir. Entrevistada 18

Eu não teria condições de fazer uma faculdade presencial. Porque presencial, o que tinha, na época, era em Pelotas. E como eu tenho meu filho, e ele depende unicamente de mim, somos só nós dois na casa, então a EAD eu poderia fazer de casa, não precisava me deslocar. Então essa foi a opção. Entrevistada 26

Como eu trabalho pra fora, eu não teria como vir todos os dias estudar. Então o ensino a distância pra mim facilitou um monte, por causa que eu consigo fazer meus trabalhos de casa, e venho só esporadicamente fazer as provas, entendesse? Eu não teria como vir todos os dias. Entrevistado 2

Como se pode ver nos relatos, parte dos entrevistados reside em regiões do interior do estado, nas quais não há a presença de IES tradicionais. Com efeito, por questões temporais e financeiras, eles não têm condições de se dirigir, diariamente, até outra cidade para assistir às aulas de um curso presencial. Para esses estudantes, a EAD surge como única alternativa para dar continuidade aos estudos.

### 3.4 Estratégias de permanência

A dimensão *estratégias de permanência* foi escolhida no sentido de investigar como os estudantes agiram estrategicamente para conseguir permanecer até o final do curso. No total, foram selecionados quatro tipos de estratégia: a) *estratégia financeira*; b) *estratégia temporal*; c) *estratégia de deslocamento*; d) *estratégia de integração*. A análise dessas estratégias é relevante, sobretudo porque, no Brasil, o ensino de graduação apresenta uma alta taxa de evasão, a qual é maior na EAD do que na educação presencial. O índice de abandono no ensino superior brasileiro gira em torno de 25% nos cursos presenciais, e 32% nos cursos a distância (SEMESP, 2016). Desse modo, ter uma noção das estratégias de permanência mobilizadas pelos estudantes de EAD que chegaram até o final do curso torna-se de grande relevância.

A variável *estratégia financeira* foi escolhida com objetivo de analisar de que forma os estudantes mobilizaram recursos para arcar com as demandas econômicas do curso, tais como pagamento de mensalidades e taxa de matrícula (no caso daqueles que estudam em IES privadas), aquisição de livros e materiais didáticos, transporte, etc. Dispor de recursos financeiros para arcar com os gastos relativos à universidade, certamente, é um dos fatores fundamentais para a permanência do estudante, e também uma das principais causas de desistência. A respeito disso, Zago (2006, p. 235) salienta que: “Não raro, às dificuldades econômicas associam-se outras, relacionadas ao quadro complexo da condição estudante. Há uma luta constante entre o que gostariam de fazer e o que é possível fazer, materializada em uma gama variada de situações [...]”

Os relatos mostram, nesse sentido, que a grande maioria dos entrevistados (64%) custeou as despesas da graduação apenas com a renda própria, oriunda do trabalho ou da aposentadoria. Alguns deles receberam auxílio do cônjuge ou da família, ao passo que outros recebem bolsa de estudos do Prouni, da universidade, ou da empresa onde trabalham. Os relatos abaixo mostram como alguns dos entrevistados mobilizaram recursos para custear a graduação.

A minha mãe paga a minha faculdade. Entrevistada 6

O transporte, eu tenho carteirinha pela prefeitura que eu ganho lá de onde eu moro. E os livros eu tiro do bolso. E a mensalidade quem paga é o meu pai. Entrevistada 10

Eu peguei bolsa [Prouni integral]. Então eu só gasto com transporte. Como eu não venho todos os dias, só pra fazer as provas, então tá tranquilo, eu consigo viver bem. Entrevistado 29

Como a aula é uma vez por semana, com transporte a gente não gasta muito. [...] E a questão de livros, a gente tira muita cópia, muito xerox. Não compro muito não. [...] As mensalidades eu pago com o valor das minhas vendas que eu trabalho. [...] Eu recebo um desconto na mensalidade, é tipo uma bolsa de incentivo, que diminui o valor da mensalidade. Entrevistada 42

Eu tenho meu material de informática, tenho meu computador, impressora. Então, todo material que era posto no ambiente virtual, eu procurei sempre imprimir. Com livros, na verdade, eu não gastei. Não comprei livros, porque eu imprimia todos os cadernos de atividade que eram postos no ambiente virtual. [...] Como funcionário público, eu recebi 50% [de desconto] da mensalidade. Bolsa incentivo. Entrevistado 44

Meu marido e a minha mãe me ajudam muito. Minha mãe e meu pai trabalham e eles me ajudam bastante. Entrevistada 47

No que tange à *estratégia temporal*, essa variável foi escolhida com o intuito de identificar como os estudantes organizaram o tempo para conciliar as atividades acadêmicas com as tarefas do cotidiano, como

o trabalho, os afazeres domésticos, o cuidado com os filhos, etc. Como já mencionado, um dos principais obstáculos que se coloca diante dos estudantes de EAD é a falta de tempo, principalmente, porque a grande maioria trabalha jornadas integrais.

Os relatos evidenciam que, enquanto metade dos entrevistados mantém uma rotina diária ou semanal de estudos, a outra metade estuda e realiza as atividades da faculdade somente quando sobra tempo. Além disso, como a maior parte deles trabalha cerca de 8h por dia, o tempo dedicado aos estudos e às tarefas do curso geralmente é a parte da noite, ou os finais de semana e feriados.

Todos os dias 1 hora. Pelo menos 1 hora é sagrada. Eu posso tá no cansaço que eu tiver, do jeito que eu tiver, doente, mas 1 hora é disponibilizado só pra isso todos os dias, pra não ficar muito pesado. Entrevistada 3

É complicado. Com duas crianças pequenas em casa [uma com 5 e a outra com 2 anos] é bem complicado. Mas eu tento, normalmente sempre à tarde. No horário das 13h até 15h30min, 16h, é o horário que eu consigo, porque é o horário que eles tão mais tranquilos brincando na rua, aí eu consigo. Entrevistada 10

Eu tenho que conciliar o trabalho, os estudos do meu filho (eu tenho que ajudar ele, ele tem 12 anos, né), e aqui [a universidade]. Então, o que eu faço: eu disponibilizo duas horas por dia pra entrar ali no online e ficar assistindo às teleaulas. Eu consigo me sentar das 19h às 20h, das 20h às 21h. Nunca dá pra ser num horário certo, fixo, mas é sempre nesse horário, é sempre 2 horas por dia que eu consigo, que é o horário que ele [o filho] tá dormindo e eu consigo sentar e estudar e fazer alguma coisa em relação à faculdade. Entrevistada 11

Geralmente, as tarefas [da faculdade] ficavam para o turno da noite. Como eu trabalhava manhã e tarde, ficava pra esse turno, ou feriado, fim de semana. Sempre assim, intercalado, fazia o trabalho doméstico, estudava. Sempre foi mais ou menos assim e sempre dava certo. [...] Às vezes ia até madrugada a dentro pra terminar um trabalho. Entrevistada 22

Quando dá o tempo. Quando eu tô muito atarefada, aí sim, aí é estipulado. Às vezes de madrugada. [...] À noite, porque eu chego em casa às 17h, 17h 30min, aí atendo o filho. Aí eu me sento, fico umas 2, 3 horas [fazendo as atividades do curso]. Eu me sento, dou comida pro meu filho, boto ele na cama, aí meu marido fica com ele e eu entro madrugada a dentro. Entrevistada 27

Faço quando dá. Tirando as aulas, o resto tudo é quando dá. Tem que ajeitar por causa do trabalho. No trabalho, às vezes, faço hora extra, às vezes fico até às oito da noite, então é quando dá. Entrevistada 46

No que diz respeito às *estratégias de deslocamento*, essa variável foi elencada visando identificar como os entrevistados se deslocam até o polo para realizar as atividades presenciais do curso. Como destaca o estudo de Thiago, Carvalho e Trigueiro (2020), a distância entre a residência e o polo de apoio presencial está entre os principais motivadores da desistência dos alunos. Nesse sentido, a pesquisa revelou que a grande maioria deles reside na mesma cidade em que está localizado o polo, de modo que o deslocamento é feito em veículo próprio (carro ou moto), transporte coletivo (ônibus), ou então a pé. O que chama a atenção são os relatos dos estudantes que moram em locais afastados do polo. No seu caso, o deslocamento se torna uma verdadeira jornada, que envolve o auxílio de familiares e do Estado, como mostram as falas abaixo.

Ônibus. Dá 1h e 10min mais ou menos. Eu pego o ônibus lá fora [na colônia] às 17h e chego aqui às 18h e 15min, mais ou menos. Pra ir embora eu não tenho ônibus. Daí eu vou num micro, que vai até a metade do caminho, aí meu pai me busca de moto. [...] Umás 23h 30min, 23h45min, mais ou menos [chega em casa]. Depois, no outro dia de manhã, às 6h tem que tá de pé [para trabalhar]. Entrevistada 11

Eu não sou daqui, eu sou de outro município. Antes eu vinha de ônibus, mas hoje eu venho de carro, porque a gente tem carro. Antes eu vinha de ônibus, daí eu posava aqui na casa de alguém, porque não tinha como retornar, era um horário muito tarde. Entrevistada 23

Eu tô morando em Pedro Osório [150km de distância do polo], e a prefeitura de lá disponibiliza um ônibus. [...] Praticamente um valor simbólico, R\$ 2 pra vir e R\$ 2 pra voltar. Então, é mais barato que a linha, que é R\$ 13 pra vir e R\$ 13 pra voltar. Eu venho, chego às 19h, e volto agora às 23h. Entrevistado 58

Por último, a variável *estratégias de integração* foi escolhida no intuito de identificar se os estudantes se percebiam socialmente integrados ao ambiente da universidade. Desde a década de 1970, há uma série de estudos desenvolvidos no campo da sociologia da educação, influenciados sobretudo pelo pensamento de Vincent Tinto<sup>3</sup>, os quais apontam que a integração social ao ambiente da universidade é um dos fatores-chave para a permanência do aluno. O estudo de Ramos e Gomes (2020), por exemplo, realizado com alunos evadidos da EaD aponta que um dos motivos que levaram ao abandono do curso por parte desses estudantes foi justamente a falta de contato presencial com colegas e professores. Nesse sentido, a presente pesquisa revelou que os entrevistados, em geral, mantêm uma boa relação com os colegas de curso e também com os tutores. Além disso, apesar de não se encontrarem diariamente, eles procuram manter contato através das redes sociais.

A gente se encontra, sai pra comer uma pizza. [Os tutores] são acessíveis. Até a nossa última tutora, quando engravidou, nós fizemos um chá de panela pra ela. Então, a gente tem uma relação de amizade. Porque muitas vezes podem dizer que por ser a distância não tem essa relação, mas tem sim, claro que tem! Basta tu querer criar. Entrevistada 19

Me sinto muito [integrada]! Acho que mais do que quando eu tava estudando presencialmente na escola. Porque qualquer coisa que quero falar, em primeiro lugar, as tutoras sempre estiveram à disposição. Até agora a orientadora do TCC também, se eu quero falar com ela, eu falo na hora pelo WhatsApp. Entrevistada 20

Sim, a gente participa de web conferência [...]. Nós temos grupos, a gente sempre se fala. Se ver é meio complicado. A gente se fala, tem WhatsApp, grupo de Facebook. Principalmente agora com essa situação política a gente se fala bastante. [...] Tem uns [tutores/professores] que se integram mais com a turma. Tem uns que fazem parte dos nossos grupos de WhatsApp, têm outros que fazem parte da nossa vida particular do Facebook, já são amigos. Outros já não se integram tanto. Acabou a disciplina, perde contato. Mas com a maioria a relação é muito boa. Entrevistada 22

[...] a gente se reúne, a gente faz janta, mantém um grupo de WhatsApp, tem o grupo do Face, a gente tá sempre em contato. Entrevistada 24

Eu tenho uma relação boa com eles [os colegas]. A gente não se vê muito, mas assim, a gente dialoga até pela internet, bate papo. Mas quando a gente tem encontro aqui, a gente sempre conversa uns com os outros. Entrevistada 26

É importante destacar, que hoje em dia, redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*, dentre muitas outras, possibilitam que os estudantes mantenham contato diariamente, de maneira *on-line*. No mundo atual, caracterizado por uma ampla gama de tecnologias informacionais em rede, as relações face a face não são mais um pré-requisito para estar integrado ao ambiente social da universidade. No caso da EAD, essas ferramentas são fundamentais para que os estudantes se sintam integrados ao ambiente acadêmico.

## 5. Conclusões

Esta pesquisa teve por objetivo investigar estudantes que optaram pela EAD como caminho para acesso ao diploma de ensino superior. A realização da pesquisa, embora com uma pequena amostra de indivíduos, possibilitou a construção de um rico panorama acerca da realidade desses estudantes. O estudo revelou que a maior parte dos entrevistados ingressou na universidade motivada pela busca por um emprego/cargo melhor ou por um salário mais elevado. Da mesma forma, mostrou que os participantes optaram pela EAD, sobretudo pela flexibilidade de horários e também pelas facilidades oferecidas por essa modalidade educacional.

No que concerne a uma abordagem sociológica, deve-se considerar, como aponta a literatura sociológica contemporânea, que os atores sociais são agentes cognoscitivos. Em outras palavras, isso significa dizer que todos os indivíduos estão cientes, em maior ou menor grau, sobre as condições do mundo em que vivem. Nesse sentido, está claro que os entrevistados sabem, de forma prática ou discursiva<sup>4</sup>, que a sociedade atual preza pelo conhecimento, bem como que o mercado de trabalho reserva as melhores oportunidades profissionais aos indivíduos mais qualificados. Sabem também que, no contexto das suas condições de vida, a EAD surge como uma nova, senão como a *única* chance para a obtenção do diploma de formação superior.

Não se pode perder de vista, ainda, que os atores sociais agem conforme sua percepção de mundo, quer dizer, com base na observação que fazem de si e da sua própria realidade, como também do mundo ao seu redor. Suas decisões são tomadas justamente com base nessas observações. Consequentemente, a partir do momento em que as pessoas sabem que o seu sucesso profissional na sociedade contemporânea está diretamente ligado ao seu grau de qualificação, elas passam a adotar ações estratégicas que visam atender às demandas dessa sociedade. O ingresso na universidade, justamente, pode ser visto como uma dessas ações, assim como a opção pela EAD.

As entrevistas feitas, indo ao encontro de outros estudos empíricos realizados, revelam que os indivíduos que optam pela EAD, geralmente, são pessoas acima dos 30 anos, trabalhadoras, que ficaram afastadas dos estudos durante muito tempo. Além disso, muitas delas são casadas e têm filhos para cuidar. Para estas pessoas, a rotina de aulas diárias de uma graduação presencial torna-se praticamente inviável. No universo da pesquisa, há pessoas como a Entrevistada 10, a qual têm dois filhos pequenos para cuidar (um com 5 e outro com 2 anos), é moradora de uma zona rural que fica distante cerca de 140km do polo; ou então a Entrevistada 11, a qual ficou afastada dos estudos durante 10 anos, trabalha 40h por semana como servente de limpeza, têm um filho de 12 anos para criar e mora a 60km de distância do polo; ou ainda o Entrevistado 56, que ficou afastado dos estudos durante 20 anos, mora em uma zona rural, onde administra uma fazenda. Como esperar que pessoas com estes perfis e histórias de vida consigam se dirigir, todos os dias, até uma IES tradicional para assistir a três ou quatro horas de aula presencial? No horizonte de expectativas dessas pessoas, a EAD surge como a única oportunidade de acesso à educação superior.

A EAD apresenta-se a estudantes com estes perfis uma série de facilidades: flexibilidade de horário e de organização do tempo; possibilidade de estudar em praticamente qualquer lugar, seja pelo computador, *smartphone* ou qualquer outro dispositivo eletrônico conectado à internet; metodologia de ensino e aprendizagem voltada à realidade do aluno. Todas essas facilidades, apontadas pelos entrevistados em seus relatos, têm atraído um contingente cada vez maior de pessoas à EAD.

Hoje, em todo o mundo, inclusive no Brasil, milhões de pessoas procuram dar continuidade aos seus estudos sem sair de casa, ou melhor, sem ter de ir todos os dias até uma IES tradicional para assistir a aulas presenciais. São pessoas que, por diferentes motivos, não tiveram acesso à universidade na idade considerada adequada. Principalmente por uma exigência do mercado de trabalho, esses indivíduos têm procurado retomar os estudos após anos (às vezes, décadas) de afastamento. Para conseguirem conciliar a vida acadêmica, a jornada de trabalho integral, os afazeres domésticos e o cuidar dos filhos, a opção pela EAD surge em seu horizonte de expectativas como a melhor decisão estratégica. Como mostram os relatos obtidos para esta pesquisa, trabalhar 8 horas por dia e depois dirigir-se até uma IES para assistir a 4 horas de aula, de segunda a sexta-feira, é algo inviável, ou até mesmo impossível para muitos estudantes. Com efeito, na sua busca por qualificação e por dar continuidade aos estudos, a EAD se torna o único caminho ao diploma universitário.

Por fim, vale frisar que, embora a EAD venha apresentando uma grande expansão no país, sendo para muitos o único caminho viável para acesso ao ensino superior, não podemos perder de vista que ainda há no Brasil uma série de obstáculos ao seu desenvolvimento, especialmente, a desigualdade social e a exclusão digital. Existe no país um enorme contingente de estudantes que não possuem acesso à internet em seus domicílios, bem como as ferramentas tecnológicas adequadas para aprendizagem a distância, como computadores de mesa, *notebooks* ou *tablets*. Tal realidade ficou escancarada durante a pandemia de Covid-19, momento em que escolas e universidades de todo o país suspenderam as aulas presenciais e encontraram um conjunto de barreiras à implementação das atividades de ensino remotas. Assim, o desenvolvimento da EAD no Brasil, nas próximas décadas, está diretamente atrelado ao grande desafio de superarmos essa violenta desigualdade educacional que, na verdade, é um problema crônico do país. Esse desafio, inclusive, certamente será desdobrado em nossas pesquisas futuras.

## Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Referências

- ABED. **Censo EAD.BR 2016**. Relatório Analítico de Aprendizagem a Distância no Brasil. São Paulo: 2016.
- AGARWAL, P. India's growth of postsecondary education: Scale, speed and fault lines. In: ALTBACH, P.; REISBERG, L.; DE WIT, H. (Orgs.). **Responding to Massification: Differentiation in Postsecondary Education Worldwide**. Boston College Center for International Higher Education, 2017, p. 71-81.
- ALTBACH, P.; REISBERG, L.; DE WIT, H. **Responding to massification: Differentiation in postsecondary education worldwide**. In: ALTBACH, P.; REISBERG, L.; DE WIT, Hans (Orgs.). **Responding to Massification: Differentiation in Postsecondary Education Worldwide**. Boston College Center for International Higher Education, 2017, p. 9-13.
- BRASIL. **Censo da Educação Superior 2016**: Divulgação. Notas estatísticas. Brasília: MEC/Inep, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Censo da Educação Superior 2018**. Notas estatísticas. Brasília: MEC/Inep, 2017.
- GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- LIMA, M.; SÁ, E.; PINTO, A. **Perfil e dificuldades do aluno da EAD: o caso do curso de bacharelado de Administração Pública**. Apresentado no XI Congresso de Ensino Superior a Distância. Florianópolis: 2014. Disponível em: <http://esud2014.nute.ufsc.br/anais-esud2014/files/pdf/128198.pdf>. Acesso em: 8 mai. 2018.

- MERUANE, P.; CASTRO, M. **Métodos de investigación social**. Quito: Editorial Quipus/ CIESPAL, 2009.
- NEVES, C. E. B. **Universidade brasileira**: equidade, qualidade e cidadania. Apresentado no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra: 16-18 de setembro de 2004.
- RAMOS, R.; CORTÉS, A. Lineamientos conceptuales de la modalidad de educación a distancia. In: TORO, Néstor; VITALE, Claudio. **La Educación Superior a distancia y virtual em Colombia**: Nuevas Realidades. Bogotá: Virtual Educa/ACESAD, 2013, p. 81-112.
- RAMOS, A. da S.; GOMES, P. C.. Voz aos Evadidos: a Evasão Escolar da licenciatura em Matemática ofertada na Educação a Distância na UniCesumar. **EaD em Foco**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1-17, 2020.
- SANTOS, A.; CARDOSO, A.; BORGES, L. **Educação a Distância**: motivações, expectativas e aprendizagem. Apresentado no XI Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância. Florianópolis: 2014. Disponível em: <http://esud2014.nute.ufsc.br/anais-esud2014/files/pdf/128147.pdf>. Acesso em: 8 maio 2018.
- SCHOFER, E.; MEYER, J. The World-Wide Expansion of Higher Education. **CDDR Working Papers**, Stanford, n. 32, p. 1-64, jan. 2005.
- SEMESP. **Mapa do Ensino Superior no Brasil em 2016**. São Paulo: SEMESP, 2016.
- THIAGO, F.; CARVALHO, J. C.; TRIGUEIRO, F; M. Fatores de Evasão na Educação a Distância: um Estudo no Curso de Bacharelado em Administração Públicas. **EaD em Foco**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1-13, 2020.
- TINTO, V. Dropout from Higher Education: A Theoretical Synthesis of Recent Research, **Review of Educational Research**, v. 45, n. 1, p. 89-125, 1975.
- UNESCO. **Distance Education in the E-9 Countries**. The Development and Future of Distance Education Programmes in the Nine High-Population Countries. Paris: UNESCO, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Six ways to ensure higher education leaves no one behind**. 2017. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002478/247862E.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2018.
- XU, H. **Open Distance Education in China**: Trends and Developments. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Opening Higher Education: What the Future Might Bring. Berlim: 8-9 de dezembro de 2016.
- ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, p. 226-238, maio./ago. 2016.